

**ESTUDO SOBRE A VOZ MEDIATIZADA DA CAPOEIRA ANGOLA NA
INTERNET: UMA OUTRA ORALIDADE.**

Cecilia Tamplenizza¹

Resumo: Nesse artigo refletimos sobre a possibilidade de uma nova oralidade na internet à qual estamos mundialmente sujeitos, e na qual, múltiplas vozes, encontram o seu espaço comum. Tomamos como exemplo uma dessas vozes: a da capoeira angola. Discutimos as características dessa outra oralidade, tomando como ponto de partida a comunidade virtual Mestre Pastinha do Orkut. Evidenciamos contradições e pontos favoráveis em um espaço de armazenamento e de perda da memória, em um meio, que nos permite observar encontros de civilizações.

Palavras-chave: comunidades virtuais, cibercultura, oralidade, convergências, capoeira angola.

INTRODUÇÃO

Ouçõ o som das distorções de um velho microfone, uma digitalização mal feita, uma caixa de som que não funciona. Uma voz que de longe me diz que estamos num local aberto, um espaço grande, um evento. No monitor do computador leio: “1ª Jornada Cultural de Capoeira”, promovida pelo Mestre Macaco e o Grupo Ginga. Começa uma entrevista, datada 1987 em Ouro Preto, a Mestre Caiçara. Uma fotografia tomada pelo Mestre Cobra Mansa mostra um primeiro plano do entrevistado. Um senhor de camisa vermelha e chapéu branco olha de lado com tranqüilidade e determinação. Começa a entrevista e o som das caixas, que imagino chegar do fundo desse espaço ouvido, reproduz a voz do organizador do evento que se sobrepõe à do Mestre Caiçara, que se apresenta: Antônio Conceição Moraes.

¹ Atualmente mestranda ao terceiro semestre do programa Pós-cultura da UFBA.
ceciliatamplenizza@gmail.com



Em alguns momentos entender as palavras do Mestre fica muito difícil. Com a máxima atenção escuto sua voz, ouço a historia da sua vida, o rancor e as felicidades, os significados e os mal entendidos, a vontade de deixar memória e documentação para os capoeiristas investigarem as vidas vividas com a capoeira angola. Nascido no dia 8 de maio dos 1924, Mestre Caiçara afirma ter começado capoeira na idade de 14 anos, tendo, naquele dia da entrevistam mais de 50 anos praticando capoeira.

Escuto os nomes dos que por Antônio Conceição Moraes foram os Mestres da capoeira angola, alguns hoje internacionalmente famosos: Bimba, Doze Homens, Aberré, Besouro, Noronha, Traíra, Waldemar, e, outros, que são menos conhecidos, Geraldo Chapeleiro, Canário Pardo, Juvenal das Docas, Samuel Preto, Samuel Branco. Também Ouço o nome de Pastinha, um dos antigos Mestres de capoeira mais conhecidos no mundo, mas que, para Caiçara, foi apenas um pintor que se tornou famoso graças a sua amizade com Jorge Amado e Mário Cravo... As interferências da má gravação se interpõem novamente e volto à realidade.

Da janela, ouço o som da igreja. São às 12 horas e o campanário chama a missa. É domingo. Na rua passa um carro de propaganda da abertura duma nova loja de computadores na avenida principal. As lojas estão abertas, é época de promoções. Os sinos continuam tocando. São da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, construída em 1750. Nessa época, Salvador ainda era capital do Brasil e a escravidão já estava acontecendo. Provavelmente durante a construção dessa igreja os africanos escravizados no Brasil, dos quais Mestre Caiçara fala na entrevista, que continuo a escutar desde o meu computador, já tinham levado com eles os conhecimentos do que hoje chamamos de capoeira.

Em poucos segundos, gerando muitas informações, diferentes vozes acumuladas pelo mesmo fato, ecoam. São vozes mediatizadas, vozes que chegam aos ouvidos não de forma direta, mas porque uma maquina as está transmitindo, ou seja, está sendo mediadora entre os que as produzem e os que as recebem. Um vendedor, os sinos e Mestre Caiçara, cuja voz, colocada na internet, supera as barreiras dos espaços físicos, a física do som. Suas ondas sonoras ressoam na rede informática. Alguns estudiosos



falam de fluxos, outros de líquidos. Hoje, a voz humana se expande, encontra o seu lugar fora do aparato fonatório e fora do corpo físico. De qualquer lado do mundo onde haja uma conexão de internet qualquer pessoa pode ouvir a história do Mestre Caiçara, e a de outros mestres da capoeira.

Nesse artigo se quer refletir sobre pontos cruciais dessa oralidade mediatizada, que guarda e cataloga na internet, a vida e as opiniões de mestres da capoeira angola. Uma arte de matriz popular, difundida e moldada no Brasil durante os longos séculos de escravização dos africanos, e transmitida às gerações futuras até hoje, inclusive, fora do Brasil, no mundo globalizado. Uma arte de tradição oral cujas histórias e aulas são ainda hoje disseminadas oralmente, também graças à internet, que permite guardar as vozes dos capoeiristas, que entram em contato com culturas e países diversos. A capoeira, disciplina que foi proibida e criminalizada, hoje é um dos símbolos da cultura brasileira.

CIVILIZAÇÕES EM CONVERGÊNCIA

Para pensar nessa idéia de uma outra oralidade da capoeira angola, vamos analisar algumas discussões travadas no ano 2010 na comunidade virtual do Orkut **Mestre Pastinha**. Um espaço virtual para falar, trocar conhecimentos e materiais informativos sobre a capoeira angola, dedicados a esse importante e internacionalmente conhecido Mestre da capoeira angola: Vicente Ferreira Pastinha, que foi um dos primeiros capoeiristas a escrever manuscritos sobre a capoeira, deixando assim suas memórias. Ela é uma das comunidades desenvolvidas no Orkut. Foi criada em 2005 por alunos de capoeira angola do Brasil, conta hoje com 22.471 membros, a maioria dos quais são brasileiros. Navegando nessa comunidade, são encontradas várias discussões sobre a importância da questão da oralidade, seja ela vista como uma técnica pedagógica da capoeira, seja como a possibilidade de ouvir, catalogadas na internet, as vozes do passado. Interessa-nos refletir sobre a importância que assumem hoje as novas tecnologias nesse sentido e compreender o que isso significa. Com o fim de estruturar



um estudo sobre essa questão definimos brevemente o que é Orkut e como se dá a comunicação entre os seus usuários.

O Orkut é uma invenção norte-americana, é uma aplicação desenvolvida por um dos programadores do provedor Google. Foi apresentada ao público em janeiro de 2004, e, em 2005, devido à grande participação dos brasileiros (71,92%),² o Google decidiu traduzi-lo ao português. Para ter uma noção da sua celebridade e de potencial público que atinge aos conteúdos nele publicados lembramos que hoje, o Orkut conta com mais de vinte milhões de usuários, no mundo inteiro. Pode ser visto como uma evolução dos *chats*, dos ambientes de bate-papo virtuais, mas não se limita a isso, também permite o desenvolvimento de redes de relacionamento virtuais, nas quais a comunicação é mediada por computadores. Essa mediação é importante de ser entendida. Mas, não obstante essa mediação seja feita por computadores e pelos servidores das redes de relacionamento, os que se comunicam são as pessoas. Por isso, cremos necessário remontar a história dessas tecnologias e refletir sobre como funcionam. Se de um lado, as tecnologias são criadas por pessoas definidas e colocadas no mercado por um modelo civilizatório dominante, por outro lado, essas determinam, dão forma e influenciam a forma das pessoas de se comunicarem independentemente do contexto social no qual estão instaladas.

Brevemente, observa-se que a possibilidade de uma comunicação mediada por computadores criou-se a partir do desenvolvimento dos sistemas de troca de mensagens escritas que começou a ser estudada no âmbito específico e ainda *elitista* das universidades e dos laboratórios militares no final da década dos '60 e nos anos '70 do século passado, bem antes da explosão da internet.

Antes de tudo, a Internet nasceu da improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária. Importantes centros de pesquisa universitários e centros de estudo ligados à defesa foram pontos de encontro essenciais entre essas três fontes de Internet. (CASTELLS, 2001, p.19)

Para Castells, cultura libertária é aquela cultura que se desenvolveu nos EUA e na Europa baseada nas idéias de liberdade dos indivíduos e de desconfiança dos

² Dados demográficos disponíveis no próprio site de Orkut.



governos. É só a partir dos anos 90 do século XX, com o surgimento de vários provedores de redes e a partir da comercialização da internet, que começa a crescer a rede global de computadores. A comunicação mediada por computadores começou a ser disponibilizada a muitas pessoas. Ainda assim, na década dos anos 90, devido à escassa difusão da internet, podia-se dizer que seu uso não deixava de ser uma prática destinada aos poucos. Só entrando no XXI século que as estatísticas começam a mostrar aumentos significativos na utilização da internet nos países da América do Sul e Central. Segundo os dados do Pew Institute³, entre 2002 e 2007, o percentual das pessoas que utilizavam a internet no Brasil, passou dos 22% aos 44%, sendo o Brasil o país com maior crescimento desse percentual entre os países analisados.

Como vimos no Orkut, podemos não só trocar mensagens escritas, mas também visuais e sonoras, como também podemos criar identidades (ing. avatar) e perfis para apresentarmos-nos como usuários. Podemos conformar-nos em comunidades virtuais para debater, trocar informações e materiais ou iniciar pesquisas estatísticas sobre todo tipo de argumento. Normalmente as conformações identitárias das comunidades virtuais se dão por afinidade de interesses e argumentos, no nosso caso a capoeira angola, não sendo a variável espacial, no sentido estritamente físico compartilhada.

As comunidades virtuais agregados sociais que surgem da Rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético. (RHEINGOLD, 1994, p. 20)

Espaço cibernético ou ciberespaço pode ser entendido segundo duas perspectivas: como o lugar onde estamos quando entramos num ambiente simulado, na realidade virtual, e como o conjunto de redes de computadores, interligadas, ou não, em todo o planeta.

Para Pierre Lévy, o ciberespaço é um “espaço da comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2005, p. 92), ele é “o principal canal de comunicação e simulação e suporte da memória da humanidade”. (LÉVY, 2005, p. 93) A memória da humanidade se interliga com a

³ www.pewglobal.org



dos computadores verificando essa estrita relação: o peso que a comunicação tem na criação simbólica e identitária da cultura. A tal ponto que Lévy afirma que as comunidades virtuais são a nova forma de criação da opinião pública.

Falando de espaço, retomamos a definição que o geógrafo Milton Santos utiliza para fundamentar os seus estudos. Ele afirma que a natureza do espaço é social.

Se o ser é a existência em potência, segundo Sartre, e a existência é o ser em ato, a sociedade seria, assim, o Ser e o espaço, a Existência. É o espaço que, afinal, permite á sociedade global realizar-se como fenômeno. (SANTOS, 2009, p. 119)

Se o espaço é a sociedade em ato, ele não pode ser desligado da questão temporal, enquanto o espaço não é simplesmente um ambiente que contém a história, mas a condição da sua realização, e vice-versa.

A cada momento da história local, regional, nacional ou mundial, a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal. (SANTOS, 1992, p. 22)

Sozinha, uma variável é privada do significado, como também se não é localizada no sistema a qual pertence, nessa pesquisa, o espaço virtual. O que queremos mostrar aqui é a estrita dependência entre a atual produção de espaço virtual e criação de imaginários sociais. Edward Said nos ensina que as nações são narrativas. Então, desde a perspectiva do ciberespaço como um lugar/armazenamento de memória coletiva (Lévy), queremos refletir sobre as modalidades desse armazenamento, já que elas estão sujeitas as condições dum espaço conformado, como vimos com Castells, por pessoas duma sociedade determinada, e, definido, nas palavras de Milton Santos, pela ação das suas variáveis. Será que cabe o significado que a oralidade tem numa disciplina como a capoeira angola no espaço da internet?

Nas comunidades virtuais, se reestruturam as relações identitárias, absorvendo os elementos simbólicos de velhos grupos identitários que se conectam com a diversidade tornando-se, na internet, crescentemente multipolares. Isso acontece no caso da capoeira angola também. Na comunidade de Mestre Pastinha, por exemplo, os usuários que participam querem discutir a capoeira angola. Podemos ouvir entrevistas, assistir vídeos, fazer trocas de informações e materiais, esclarecer e colocar dúvidas,



conceituar a capoeira e recorrer à sua história. Aqui achamos muitas vozes que falam e discutem além do tempo cronológico e do espaço físico. Aqui de alguma forma encontramos uma oralidade da capoeira angola. Temos acesso mundial a vozes que definem o que é e como é e como foi. Ao mesmo tempo, e a luz dos argumentos anteriormente tratados, nos perguntamos se os elementos que são distintivos do ciberespaço: virtualidade, ausência física, caráter global e novas criações identitárias, não seriam suficientes para dizer que estamos vivendo uma oralidade outra, não ligada às características pedagógicas do passado, uma oralidade da globalização. A entrevista a Mestre Caiçara, da qual falamos na introdução desse artigo, seria um bom exemplo. Essa entrevista foi publicada no Youtube⁴ e na discussão da Comunidade Mestre Pastinha intitulada “Tradição e o jogo do telefone sem fio”, publicada em 21/2/095, onde a mesma comunidade reflete sobre esse assunto.

A proposta dessa discussão nasce da necessidade da comunidade discutir sobre o fenômeno da expansão das idéias da tradição da capoeira angola na mundialidade. Um usuário faz uma comparação entre a brincadeira de meninos chamada o telefone sem fio, e a idéia de transmissão de tradição. Nessa brincadeira uma pessoa passa uma informação nos ouvidos de outra que a sua vez a passa a outra até chegar à última pessoa que está participando ao jogo. Frequentemente quando a última pessoa que recebeu a mensagem a diz em voz alta para todos, essa não coincide com a informação passada pela primeira pessoa.

É esta "aproximação" *q* (que) importa e faz parte da transmissão e do espírito lúdico da brincadeira. Agora transpondo o "jogo telefone sem fio" e sua dinâmica, para o universo do "jogo da capoeira", podemos entender claramente como funciona a tradição e sua transmissão. Compreendemos *tbn* (também) *q* (que) este exercício comporta uma infinidade de interpretações e leituras da forma proposta originariamente, sempre respeitando os parâmetros da referida tradição. Nisso reside a originalidade do jogo. A palavra ou frase *q* (que) dá origem à brincadeira, quase nunca é reproduzida fielmente e nos mínimos

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MppQz1HEZXA>, consultado em 9/1/2011.

⁵ Disponível em:

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5305204459412473719&kw=oralidade>, consultado em 9/1/2011.



detalhes quando chega a última pessoa da fila e ainda assim guarda bastante semelhança com aquela proposta ao começo.⁶

Vamos reformular a questão colocando a pergunta: Pode-se dizer que a capoeira angola se difunde, através dessa outra oralidade, enquanto uma manifestação artística, tradição histórica, cultural, social e política do Brasil ou esse conhecimento se restringiria ao hábito da prática física, a sua vivência? Lê-se numa postagem da comunidade uma entrevista a Mestre Moraes⁷, voz atual da tradição da capoeira angola, sobre a importância da oralidade. Para Mestre Moraes a capoeira angola pode ser praticada holisticamente, proporcionando assim vários benefícios. Um desses benefícios seria devido à orientação dos mestres que orientam metaforicamente os seus discípulos para a ampliação da *visão periférica da vida* e o entendimento das *dicotomias naturais do viver*.

No processo, outros benefícios de suma importância para a manutenção da ligação capoeira e oralidade Africana vão acontecendo naturalmente: respeito ao outro, consciência sócio-política, ancestralidade e muitos outros benefícios que, pela universalidade, se torna complexa uma declinação justa. Daí eu não entender como, diante de tanta complexidade estão surgindo tantos mestres de capoeira angola.⁸

De que forma essa consciência sócio-política e ancestralidade poderia ser manifesta na internet e conseqüentemente entendida? Primeiro é necessário definir o que é que se entende com a idéia de tradição da capoeira angola. O termo tradição é um termo complicado, desde a perspectiva dos estudos culturais, pela conotação falseada e romântica com a qual a tradição folclórica utilizou-se desse conceito nos estudos intelectuais sobre a cultura popular. Mas, retomando a etimologia do termo 'tradição' observa-se que a palavra vem do verbo latim *tradere*, que significa 'entregar'. É um conceito dinâmico que representa a transmissão no tempo dos conhecimentos ancestrais (culturais e espirituais) que uma geração herda das suas precedentes e lega às seguintes.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Mestre Moraes foi aluno da academia de Mestre Pastinha. Hoje é Mestre do GCAP, Grupo de Capoeira Angola Pelourinho, que tem o seu espaço no Forte do Santo Antonio, Salvador Bahia.

⁸ Disponível em:

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5308564322147670184&kw=oralidade&na=3&nid=97949-5308564322147670184-0&nst=123>, consultado em 10/1/2011.



Evidentemente esses conhecimentos são dinâmicos, eles se adaptam e se inserem no panorama sócio-político de cada momento histórico, transformam-se junto com aqueles portadores de tais conhecimentos. A continuidade, de fato, é estabelecida por quem quer manter essa herança e interessa-se em renová-la. A capoeira angola é uma arte de tradição oral que ainda hoje, não obstante a sua comercialização e globalização, se diz herança das lutas do povo africano escravo no Brasil. Parece ser uma das guardiãs de uma matriz civilizatória não ocidental, de raiz não positivista. As histórias dos velhos Mestres de capoeira angola conservadas até hoje, nos conectam com essa idéia de tradição. Sem esquecer que:

A preservação dessas formas de vida, de organização e pensamento se explica por razões culturais, mas também, como dissemos, pelos interesses econômicos dos produtores que tentam sobreviver e aumentar sua renda. (CANCLINI, 1998, p. 218)

Sendo a cultura, num sentido amplo, uma dinâmica, fruto da experiência coletiva, temos de considerar a tradição atrelada à idéia de inovação. É dessa perspectiva que se entende a tradição da capoeira angola. Mas qual é o confim entre continuidade e re-invenção. Quanto essa nova oralidade está levando pelo mundo as idéias da capoeira e quanto as está transformando? Percebemos que há um conjunto de conhecimentos que constituem o *corpus* simbólico que conforma a identidade dessa cultura, coligado com a tradição da cultura negra⁹ que, enquanto elemento dinâmico, se transforma desde sempre em relação com os outros sistemas culturais. Com Stuart Hall entendemos que

Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm o aquilo que Edward Said chama de suas «geografias imaginárias» (Said, 1990): suas «paisagens» características, seu senso de «lugar», de «casa/lar», ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo — nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes. (HALL, 2000, p.72)

⁹ Com isso entendemos a cultura afro-brasileira, resultado da cultura africana no Brasil, gerada pela herança dos africanos escravizados na Bahia desde o XVI século, e da sua transformação através do contato com as outras culturas existentes, sejam elas nativas do Brasil e colonizadoras, desenvolvimentos que não deixam perder a identidade própria do povo africano.



Da mesma forma que tomamos esses cuidados em relação á tradição, como já vimos não podemos esquecer que a internet é um sistema criado pela cultura ocidental, racionalista que enquanto tal reproduz sua matriz civilizatória, quanto permite o encontro com outras.

(...) a tecnologia mais que um conjunto de ferramentas é uma racionalidade pratica, como também, a materialização de um modelo de sociedade. Olhar assim a tecnologia não implica de forma alguma no facilismo fatalista e suicida da negação se não pelo contrário a exigência de uma análise especialmente lúcida deste «novo» modelo de sociedade e do peso relativo, porém certo que essas tecnologias têm já. (BARBERO, 2002, p. 116)

A internet de um lado amplifica a oralidade natural das culturas e, de outro, sistematiza essa oralidade, tentando não somente arquivá-la, no sentido de criar um maior acesso e permanência na memória, mas também racionalizá-la e, mais uma vez, hierarquizá-la estabelecendo uma relação de dependência determinada pela presença ou ausência das diferentes vozes na rede. Assim, retomando a discussão da comunidade Mestre Pastinha do “telefone sem fio” lemos essa dúplice característica:

A) É Camarada por aí vai o telefone sem fio, as coisas com o tempo mudam, e acho que na Capoeira Angola *tb* (também), mais de uma forma menos agressiva, de meias mudanças, e muito acho que pela forma de quem a procura, pois este deve estar *amadurecido* para entender o por que de tanto zelo pela oralidade e conhecimento da palavra dos antepassados e o porque das coisas que se diz respeito a este mundo infinito de historias e vivências.

...

B) Uma coisa é re-interpretação, a outra deturpação! Como estabelecer o sutil limite entre estas esferas? Aliás, o diabo desta questão mora no detalhe. Usando uma analogia para tentar alcançar melhor a nuance, eu diria: Que critério usar para distinguir a mudança de sotaque dentro de um mesmo idioma, de uma mudança de idioma?!¹⁰

Mas uma vez, para os dois usuários, o entendimento é alcançável só após o *amadurecimento*, que se obtém através da prática e orientação.

¹⁰ Disponível em:

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5305204459412473719&kw=oralidade>, consultado em 9/1/2011.



Mas, sem dúvida, para Pierre Lévy “a cibercultura não é a negação da oralidade ou da escrita, ela é o prolongamento destas; a flor, a germinação.” (em LEMOS, 2004, p. 11) “O mundo virtual funciona, então, como depósito de mensagens, contexto dinâmico acessível a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real.” (LÉVY, 2005, p. 146) A voz do passado se expande e se difunde além do aparato fonatório, como afirma Paul Zumthor, e muda o grau de recepção e entendimento de quem participa do intercâmbio performático nessa outra oralidade, do tempo-espaco transformados. Na internet dão-se relações entre outros que estão ausentes, distantes em termos de local. Hall fala de fluxos culturais que hoje alimentam identidades desvinculadas do tempo, dos lugares, das histórias e das tradições específicas que parecem «flutuar livremente» (HALL, 2000, p.75).

(IN)CONCLUSÃO: PARA APROFUNDAR ESSE ESTUDO

Refletimos sobre o fato da internet ter o potencial de expandir a imaginação do homem, permitindo a criação e a visualização duma narrativa multipolar. A construção de narrativas nas quais todos que tenham acesso a internet possam criar e armazenar memória. Como é possível pensar essa realidade mundial a partir da problemática cultural? Já que existem hierarquias culturais constituídas. Segundo Renato Ortiz essas hierarquias determinam o poder, entendido como possibilidade de narrar.

Mesmo que a presença das tradições culturais seja real, ela só pode se exercer enquanto fato local. Sabemos que não existe uma, mas um conjunto fragmentado de culturas populares, cujo raio de ação é curto-circuitado pelo Estado-nação e pelas indústrias culturais. As festas, e artesanato e os divertimentos são perpassados pela totalidade das relações capitalistas. A tradição é penetrada, e modificada nos seus elementos essenciais. Como o culto dos mortos, no México. No passado, ele estabelecia um vínculo entre os homens e seus ancestrais. Uma forma de se vivificar as relações sociais. Hoje as mudanças são drásticas. (ORTIZ, 1994, p.185)

É desde o surgimento dessas novas formas de comunicar, de juntar e excluir-se, de desconhecer e reconhecer-se, que adquire importância o que passa pelas mídias e tecnologias. Que significam essas reflexões desde o ponto de vista da cultura popular?



Perguntamos-nos em que forma essa outra oralidade que estamos indagando seria então conciliável com a idéia tradicional de oralidade, aquela ligada a idéia de ancestralidade própria da capoeira angola. É interessante a pergunta que Nestor Canclini faz ao tratar das interseções que houve na America Latina, a partir do século XX, entre modernidade e cultura popular: como “as culturas predominantes – a ocidental ou a nacional, a estatal ou a privada – são capazes unicamente de reproduzir ou se também podem criar condições para que suas formas marginais, heterodoxas, de arte e cultura se manifestem e comuniquem.” (CANCLINI, 1998, p.157)

A luz dessas observações é preciso aprofundar essa temática recolhendo a proposta de Barbero (2002), e pensando em que, hoje, quem se comunica é quem está assumindo o rol de intelectual. Por isso, a comunicação toma-se um lugar estratégico do qual observar a sociedade e ver o que está acontecendo relativamente à cultura da capoeira angola. As comunidades virtuais e os serviços de relacionamento como o Orkut são um bom lugar para efetuar essa observação. Pontos no ciberespaço, onde as vozes da capoeira angola do passado cruzam com as do presente, nos quais podemos percorrer a historia e observar onde transita a oralidade, analisar quais são as mensagens que em cada tempo leva consigo. Mestre Moraes afirma falando da capoeira angola:

Os aspectos marciais e filosóficos da capoeira angola não devem ser analisados em separado. Movimento e sentimento devem estar atrelados a fim de que a interpretação do “jogo” só seja possível àqueles que fazem parte do grupo identitário denominado de angoleiro. Foi, e tem sido, esse caráter de complexidade que dificultou e tem, ate hoje, dificultado os projetos de “caracterização” da capoeira angola. Incorre em erro aquele que espera do capoeirista angoleiro reações unicamente físicas. Os elementos da capoeira, visíveis a olho nu, virão sempre precedidos de princípios filosóficos. Mesmo que seja para orientar o capoeirista para não reagir fisicamente. Eu diria que a filosofia está para a capoeira, como a oralidade esta para a escrita. Uma precede a outra.¹¹

Enfim, devemos então atentar-nos sobre os significados dessa outra oralidade na internet, já que esta está moldando a nossa capacidade de memória, de criação e

¹¹ Disponível em:

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5308564322147670184&kw=oralidade&na=1&nst=1>, consultado no 9/1/2011.



reflexão do mundo. Uma outra oralidade composta por vozes que comunicam informações, mas não experiências, que se dissipam no ciberespaço. Então, à maior razão, falando das culturas de raiz popular, como das culturas não dominantes, temos que atentar para reconhecer os significados das suas interpelações e ampliá-las para que elas não sejam perdidas nos fluxos das redes, e suas vozes não sejam escurecidas em nome de outras mensagens, como as da globalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBERO Jesús Martí, Oficio do cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación em la cultura. Santiago, Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BAUMAN Zygmunt, Modernidade líquida. Tradução Dentzien Plinio, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- CANCLINI Néstor García, Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2 Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- CANCLINI Néstor García, As culturas populares no capitalismo. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CANCLINI Néstor García, Cultura e poder. Donde está la investigación? México: ENAH, 1986.
- CASTELLS Manuel, La era de la información: Economía, sociedad y cultura, vol.1, La sociedad red. Madrid: Alianza, 1998.
- CASTELLS Manuel, La era de la información: Economía, sociedad y cultura, vol.2, El poder de la identidad. Madrid: Alianza, 1999. CASTELLS Manuel, A Galaxia de Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zhar Editor, 2001.
- FARIAS, Edison, (Re)tradicionalização ou (re)significação de tradições?, em Patrimônio imaterial, performance e (re)tradicionalização, TRANSE/CEAM, Brasília: Uneb, 2004.
- HALL Stuart, A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracina Lopez Louro. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HALL Stuart, Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende ... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.



<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5305204459412473719&kw=oralidade>

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5308564322147670184&kw=oralidade&na=3&nid=97949-5308564322147670184-0&nst=123>

<http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?cmm=97949&tid=5308564322147670184&kw=oralidade&na=1&nst=1>

<http://www.youtube.com/watch?v=MppQz1HEZXA>

JENKINS Henry, A cultura da convergência. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LE MOS Andre, Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina 2ª Ed, 2004.

LÉVY Pierre, O que é Virtual? Tradução Carlos Ireneu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY Pierre, Cibercultura. Tradução Carlos Ireneu da Costa. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

LISTEIR David; Jon Dovey, Seth Giddings, Iain Grant, Kieran Kelly, New Media: A Critical Introduction, Routledge 2003.

ORTIZ Renato, Mundialização e cultura, São Paulo: Brasiliense, 1994.

RHEINGOLD Howard. La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras. Barcelona: Gedisa, Colección Límites de La Ciencia, 1994.

SAID Edward, Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID Edward, Imperialismo cultural. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS Milton, A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª Ed. 5ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS Milton, Espaço e método. 3ª Ed. São Paulo: Nobel, 1992.

ZUMTHOR Paul, A letra e a voz: A «literatura» medieval. Tradução Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.

